ENTREVISTA

Luisa Iñiguez Rojas



Entrevistada em 11 de setembro de 2014
por André Pasti, Melissa Steda e Wagner Nabarro

Por ocasião do VI Congresso Ibero-americano de Estudos Territoriais e Ambientais (CIETA), ocorrido em São Paulo, entre 8 e 12 de setembro de 2014, tivemos a oportunidade de entrevistar a geógrafa cubana Luisa Iñiguez Rojas. Professora na Universidade de Havana e conhecida especialmente por seus estudos na área da saúde, atuou em diversas pesquisas no Brasil. Luisa nos contou parte de suas experiências como pesquisadora, bem como questões importantes sobre a Geografia em Cuba e a realidade do país – uma interessante contribuição considerando-se a realização do XV Encontro de Geógrafos de América Latina em Cuba em 2015.

Boletim Campineiro de Geografia: Professora, gostaríamos de saber, em primeiro lugar, como foi a institucionalização da Geografia em Cuba, especialmente depois da revolução. Havia uma Geografia em Cuba até então? Seu pai era professor de geografia, não é mesmo?

Luisa Iñiguez Rojas: Sim, só que esses geógrafos que existiam antes da revolução eram doutores em Filosofia e Letras. Eram filósofos. Na Faculdade de Filosofia e Letras eles saíam doutores em Filosofia, e saíam geógrafos ou historiadores — era história cívica e geografia. E eles se misturavam muito. Meu pai tinha livros de história moderna, de licenciatura, para ensino, mas também era geógrafo. Eles eram muito misturados entre a História e a Geografia, mas se reconheciam como geógrafos. E tinha uma Sociedade Geográfica, a Sociedade Humboldt, que era de geógrafos de Santiago de Cuba. Eles se sentiam geógrafos, faziam Geografia. Muitos deles foram para os Estados Unidos fazer mestrado, só que não existia a formação do geógrafo como curso; oficialmente, não existia a carreira, não era independente. Mas sim, havia geógrafos. Antonio Núñez Jiménez[1] era um geógrafo famosíssimo que criou a Sociedade Espeleológica de Cuba nos anos 1940. Também subiu a *Sierra Maestra* com Fidel e foi capitão. Era geógrafo — não estudou Geografia, mas todo mundo o reconhecia como geógrafo, formado em Filosofia.

Quase todos se formavam ou complementavam a formação em universidades dos Estados Unidos. Também faziam cursos em universidades em Tampa, em Cayo Hueso (na Flórida), em Porto Rico… Solicitavam e iam fazer cursos de verão. E tinham um nível importante, não eram pessoas à parte. Todos tinham muita classe, eram muito cultos também. E eram geógrafos, isso era importante. Eu queria ser assim. Me criticavam muito, me diziam: "mas você é geógrafa de quê?". Primeiro, o curso não existia formalmente, então no ano de 1962 se fez a reforma universitária, muito próxima do triunfo da revolução. Na reforma universitária tentou-se mudar as estruturas, que eram da elite, da classe mais alta… Há uma história lindíssima de pessoas que iam trabalhar nas ruas, trabalhar em construções para poder estudar Direito ou qualquer outra carreira.

Bom, então nessa universalização do ensino todos puderam entrar na universidade. As carreiras foram reestruturadas e abriram muitas que antes eram departamentos, como a de Geografia e a de História. Então se criaram as faculdades

1 Antonio Núñez Jiménez (1923-1998) graduou-se como doutor em filosofia e letras na Universidade de Havana em 1951, tornando-se doutor em ciências geográficas na Universidade Lomonosov de Moscou em 1960. Participou de diversas expedições geográficas e, durante a revolução cubana, foi capitão do exército rebelde. Posteriormente, no governo revolucionário, ocupou diversos cargos políticos, se tornando deputado na Assembleia Nacional, vice-ministro da cultura e presidindo a Academia de Ciências de Cuba e a Sociedade Espeleológica de Cuba.

e as escolas. Cada faculdade tinha um número de escolas e assim se criou a Escola de Geografia. E o que acho interessantíssimo, que me contaram, é que poderiam colocar a Geografia tanto na faculdade de Ciências como na faculdade de Letras — lá se formaram entre outros essas pessoas que falei, o doutor Antonio Jiménez, o doutor [Pedro] Cañas Abril[2]... E eu, depois que soube da história — ainda não havia entrado na universidade, mas queria ser geógrafa — queria estudar em Ciências, não em Letras, porque Ciências me parecia que já tinha um *status* (risos). E finalmente ganhou a Faculdade de Ciências. Então a carreira na Escola de Geografia na Faculdade de Ciências significava que deveríamos ter o currículo de matemática, de física, de química — da Faculdade de Ciências. Ou seja, quatro cálculos, matemática, duas estatísticas... E ninguém fazia nada com isso, pois não havia quem orientar sobre como usar (risos). Mas bem, nos formaram nos primeiros anos e foi bom. Depois, quando chegaram os russos... A Universidade Estadual de Moscou era a maior do mundo. Uma estrutura impressionante, um dos edifícios de Stalin, e eram dois andares, tinham de tudo — departamentos de geoquímica, de geografia do transporte, da migração, do turismo, era uma coisa muito fragmentada.

Boletim Campineiro de Geografia: Quando os russos iniciaram esse intercâmbio?

Luisa Iñiguez Rojas: Foi nos anos 1970. Até 1969, nós estudávamos somente com franceses — estudávamos com Jean Chabot, e de Paris Vincennes[3] tivemos vários professores, como o irmão de Yves Lacoste, Alain Lacoste, que é biogeógrafo. O ano de 1970 foi um ano difícil, porque o Estado cubano se propôs a chegar a dez milhões de toneladas de açúcar. E o país inteiro parou em função dos dez milhões. Era um lema, "os dez milhões irão, vamos chegar lá". E não chegamos. Mas fecharam tudo. A universidade foi cortar cana... A mulher não cortava, só coletava — mas igualmente eramos chamadas a uma da manhã porque a usina de açúcar estava quase sem cana (risos). Foi muito interessante porque era essa mística... Nunca escrevi sobre isso, mas quero escrever. Era uma coisa fabulosa, porque era acreditar tanto que a mudança iria se produzir, acreditar tanto na mudança, e se sentir ator, protagonista, era muito interessante.

Eu vou escrever sobre isso, porque quando estava na Amazônia — eu trabalhei na Amazônia brasileira, em Manaus — eu fiz um livro — "Espaço &

2 Pedro Cañas Abril (1902-1992) graduou-se como doutor em direito público, direito civil, filosofia e letras, tendo estudado posteriormente em várias universidades cubanas e estrangeiras. Foi professor na Universidade de Havana, no Instituto de Ensino do Oriente e na Universidade do Oriente, a qual ajudou a fundar em 1947. Fundou a Sociedade de Geografia e História do Oriente e participou amplamente em atividades científicas e universitárias em Cuba.

3 Universidade de Paris VIII.

Doença: um olhar sobre o Amazonas"[4], um atlas. Eu não queria fazer, foi um relatório meu; fui bolsista do CNPq, pesquisadora convidada, e o relatório foi entregue como se fosse um mero papel… Aí fui para Cuba, em quinze dias ou menos estava lá, e me ligaram "você tem que voltar, porque a Fiocruz está procurando a senhora, tem que voltar porque isso tem que virar livro!" Voltei e fui direto para Manaus.

Aí comecei a trabalhar. Procurei primeiro médicos idosos, os mais velhos do Amazonas, fui a Belém procurar médicos e o chefe do programa de controle a doenças – porque quem sou eu, que cheguei faz um ano na Amazônia, pra fazer um mapa…? Tem que ter ética, respeito. Aí sentei um dia com um velhinho, bem velhinho, com oitenta, quase noventa anos. Ney Lacerda, nunca vou esquecer dele, baiano — ele se formou na Bahia e foi direto para Manaus, e nunca mais saiu de lá. E cada vez que eu entrevistava alguém, no quadro negro escrevia alguma coisa que achava que depois poderia ser interessante para o livro. E então, uns dias sentada com ele, sozinha, perguntei "mas doutor, o que acontece aqui que a malária não para? E eu li tanto, vi tantas campanhas, vi tanta coisa, estudei toda a discussão de Manaus, como é possível que ainda tem tanta malária que aparece aquela fila de pessoas pra fazer a análise?" E ele falou assim: "ah, é muito simples, Luisa, a mística acabou". Eu não entendi nada, falei "o que tem que a mística acabou?". Aí eu escrevi "a mística acabou" — está no livro também. Então ele me explicou. E eu fiz imediatamente uma articulação com meu país, porque ele falou que quando a Manaus chegavam os barcos que vinham fazer a campanha, todas as ruas ficavam cheias de pessoas com bandeiras, era todo um movimento… agora, que estão todos cada um no seu canto, os barcos entram e saem, ninguém nem se toca… "que é malária?". Como se fosse, em sociologia, a naturalização dos processos. Então ninguém se importa se chegou um barco, se compraram outro, se a campanha não… a mística acabou.

E eu sinto que em Cuba, um pouco, a mística acabou. Aquilo que nós sentíamos nos primeiros anos, assim, envolvidos… E acho que também tem uma coisa ambiental, a horrorosa globalização… Eu não falo de globalização, jamais, não tem um artigo meu que fale de globalização. Mas também é isso, isso também entra…

Enfim, eram só quatro anos [de estudo], depois eram cinco, até hoje são cinco anos. Antes eram quatro porque não havia professor pra dar nada. Por quatro anos, foi com professores russos, para poder puxar o curso… O mais interessante é que nós nos formamos como geógrafos, mas pouco depois separaram a geografia e

4 ROJAS, Luisa B. I.; TOLEDO, Luciano M. *Espaço & Doença*: um olhar sobre o Amazonas. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

começaram a ser licenciados em geografia física ou licenciados em geografia econômica, não era mais geógrafo. E a estrutura também se dividiu entre departamento de geografia física e departamento de geografia econômica.

Boletim Campineiro de Geografia: E é assim até hoje?

Luisa Iñiguez Rojas: Não, já faz anos que juntou-se de novo.

Boletim Campineiro de Geografia: Professora, como foi sua aproximação com a geografia brasileira? Você citou várias vezes a obra do professor Milton Santos...

Luisa Iñiguez Rojas: Minha aproximação com a geografia brasileira é uma história impressionante. O diretor da FEEMA — Federação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente — fez uma viagem a Cuba, procurando alguma coisa de interesse pra FEEMA, do Rio de Janeiro. Ele andou pela minha universidade, pela Universidade Tecnológica, chegou até Santiago de Cuba. E quando acabou a viagem dele, decidiu convidar duas pessoas. Um engenheiro da universidade de Campos dos Goytacazes lá no Rio — a Universidade Darcy Ribeiro, que é uma universidade bem interessante, de produção de cana-de-açúcar; e a mim, porque eu estava tentando trabalhar com meio ambiente. Os russos não deixavam trabalhar o meio ambiente, não trabalhavam com o meio ambiente. A origem [da questão ambiental] não era marxista, era positivista, de Comte, ou naturalista, que não tinha nada a ver com as lutas, então meio ambiente não era estudado.



E eu fiz uma viagem para um complexo de Tungstênio/Molibdênio na Rússia e um outro… (pausa) um nacional e outro que é um território autônomo, porque os russos [no período da URSS] têm quinze repúblicas e vários outros territórios autônomos. A universidade tinha uma área onde os alunos iam ter aula prática e nós fomos para lá. E quando fiz uma entrevista com o chefe da mina de Tungstênio/Molibdênio, ele começou a mostrar as doenças do pulmão, um monte de problemas do tungstênio e do molibdênio… O vale glacial é um vale morto, porque no vale do rio normalmente é inverno. Aquela contaminação fica toda assim… você respira aquele negócio.

E a segunda viagem foi para a Bulgária, me convidaram para fazer uma fala

de Geografia em Sofia. Me convidaram para ver a Dimitrov[5], mas hoje Dimitrov está igual a Lenin, embalsamado na cidade dele. Mas quando passei pelo rio na cidade dele, o rio era vermelho. Vermelho. Aí eu disse que a água não é vermelha, não? "Ah, não, é um complexo ferro-não sei o que…". Não estava entendendo nada (risos). Muita inocência. Eu tinha vinte e tantos anos. Nós achávamos que era perfeito, uma coisa perfeita, sabe? Queremos chegar do capitalismo a isso, mas achamos que isso é perfeito porque já tem cinquenta anos. E não é perfeito nada… Depois, com a *glasnost* e a transparência, apareceram muitas coisas piores. Só estou falando da minha experiência, que foi no complexo de Cabárdia-Balcária (que é a região do complexo), e no lugar onde nasceu Georgi Dimitrov. Foi muito difícil, então, quando voltei para Cuba, continuar dando aula do mesmo jeito. E continuar dizendo coisas que você viu que não eram assim… É todo um processo, sabe. Por que estava falando sobre isso? Falei da União Soviética…

Boletim Campineiro de Geografia: falávamos do Brasil...

Luisa Iñiguez Rojas: Ah, então, nesse mesmo momento eles pedem que eu assuma uma coordenação. No extremo nordeste de Cuba tem uma área de laterita. É níquel e cobalto, uma terra vermelha mas que tem muito mineral. Tem no Canadá, na Jamaica… poucos países no mundo têm isso. E tem muita contaminação, então me fizeram ser coordenadora de impacto do desenvolvimento minero-metalúrgico sobre o meio ambiente. Como eu era a única pessoa que falava do meio ambiente, então… (risos). Fui a coordenadora daquele projeto enorme, tinha 13 instituições, 68 pessoas, um "projetão" que tirava amostras de mangue, amostras do chão, amostras da água, amostras da roça, amostras de água do mar, amostras do ar… impressionante! A amostragem era geoquímica, era um estudo geoquímico, mas social também, porque na época tinha onze mil vivendo em moradias, e eu consegui entrevistar todo mundo com meus alunos do último ano.

Aí tentei associar as condições de vida com a saúde. Inventei uma metodologia que até hoje é boa, mas na época era uma coisa impressionante… E também "inventei" que uma coisa é a informação oficial, o que está num sistema de informação, e outra coisa é o que acontece quando você está no lugar, porque as pessoas mudam os indicadores, e isso você não sabe como é que muda se não vai lá. Ou seja, pode ser que não tenha esgoto e esteja horrível, mas pode ser que não tenha esgoto e as pessoas deram um jeito. Você não sente cheiros, pode ser que a coleta do lixo seja uma vez por semana, mas… Isso já aconteceu, isso não é história

5 Georgi Dimitrov Mikhaylov (1882-1949) foi um político comunista búlgaro, líder da Bulgária entre 1946 e 1949. Seu corpo foi embalsamado e colocado em um mausoléu em Sofia. Após a queda do comunismo no país, seu corpo foi transferido para um cemitério e, em 1999, o mausoléu foi destruído.

— quando você vai está mais limpo, que é quando coletam lixo um dia antes. Então um diretor ficou apaixonado e me convidou, e eu cheguei ao Rio de Janeiro. Isso foi em fevereiro de 1994.

Boletim Campineiro de Geografia: No Período Especial[6], não é?

Luisa Iñiguez Rojas: Foi no período especial, só que quando eu cheguei… em junho desse ano houve o Plano Real, antes havia o cruzeiro, o cruzeiro real. Nesse processo, quando eu botei o pé no Rio de Janeiro, a pessoa da FEEMA no aeroporto falou "você tem que voltar, porque o dinheiro estava no banco e não tem mais dinheiro" (risos). Outra opção é você ir para Niterói, tem um geógrafo que gosta muito de Cuba e quer que você more com ele. Eu, como o sonho da minha vida era o Rio de Janeiro, é claro que ia ficar (risos). Então fiquei, só que ele era tesoureiro dos geógrafos do CREA (Conselho Regional de Engenharia e Administração). Então começou a fazer propaganda que tinha uma cubana que mexia com geografia médica… Sim, porque ninguém sabia de geografia da saúde na época. E eu tenho um trabalho de geografia da saúde com a russa com quem me formei. Essa russa espetacular, Natalia Petrovna Kostenko, não chegou à universidade, chegou ao Instituto de Medicina Tropical, só que lá ninguém falava russo, e eles foram para a Geografia. Ela ia dar um curso de geografia médica, então… Na geografia, vários falavam russo, só que a interessada pela Geografia médica lá era eu, então falaram "é você", e eu fui a tradutora do curso dela. A senhora voltou no outro ano e quando deu o segundo curso, foi para o Ministério da Saúde, e falou "eu quero que os geógrafos entreguem alguma coisa, [quero] alguma doença para eles demonstrarem que podem fazer uma contribuição". E ela conseguiu. Depois de muita briga lá conseguiu, me deram a meningite meningocócica B. Estavam tentando uma vacina mas tinha havido um pico epidêmico horrível, porque a doença atingia crianças.

Então, esse senhor, Sérgio Velho, que me acolheu em Niterói, começou a falar da meningite, do trabalho que eu tinha feito. E Bertha Becker me convidou pra uma palestra na UFRJ. Conheci a todos eles: Armando Correa da Silva, Orlando Valverde — fui à casa dele no Rio de Janeiro, sentar pra conversar com ele. Eu andei por tudo… (risos) Na época, Claudio Egler e Bertha Becker estavam com um projeto ambiental em Volta Redonda… não lembro do que era o projeto. Mas dentro desse projeto de Claudio Egler e Bertha Becker tinha saúde, e tinham convidado pessoas da Escola Nacional de Saúde Pública para assistir a palestra. Então, quando acabou a palestra, esse pessoal da Fiocruz veio perguntar se eu

6 O chamado Período Especial em Cuba iniciou-se após 1990, com a queda da União Soviética. A perda de mercado externo (até então muito dependente da URSS), combinada com o bloqueio econômico imposto pelos Estados Unidos, trouxe severas dificuldades econômicas ao país.

poderia repetir essa palestra na Escola Nacional de Saúde Pública, na Fundação Oswaldo Cruz (a palestra de Saúde e Geografia). E aí eu fui. Só que já era o final de meu trabalho na FEEMA. Meu trabalho foi em Duque de Caxias, mas só pra contar a história do que aconteceu em Duque de Caxias… (risos). Mas foi muito interessante porque Claudio Egler pediu a algum estagiário dele para me ajudar a localizar a tuberculose, etc. Foi muito legal. O IPPUR que publicou — estava começando, em 1994.

Só conhecia um geógrafo de Recife, Lucivânio Jatobá, geomorfólogo, que até hoje está na [Universidade] Federal de Recife. Ele me convidou, eu fui lá. Aí me ligaram para dizer que o pessoal queria se encontrar comigo. Imaginem que eu queria entrar no lixão de Gramacho: "Não pode…" "Quero entrar no lixão de Gramacho!" "Não pode…". "Com quem eu tenho que falar para entrar no lixão?!" E entrei, estive dois dias… É horrível, gente. O Lixão de Gramacho é aquele do filme Estamira. Vocês têm que estar ali dentro. Estive dois dias ali dentro e teve uma semana que quando eu cheirava a pele, eu só cheirava Gramacho. Horrível, horrível. Eu queria entrar, porque o lixão está em Duque de Caxias, tem uma área enorme, e tinha que falar com o pessoal. Tenho as fotos do lixão, fui muito atrevida, mas…

Aí conheci Milton Santos. Foi 1991 o ano em que conheci ele, no México. Tinha um canto para ter conversas entre professor e aluno, e ele falou "3 horas da tarde a gente se encontra aqui". Então chegou com um monte de livros. Eu tenho o livro "Por uma geografia nova" [escrito] "Para Luisa, de um aprendiz de geógrafo. Com carinho, Milton Santos" (risos). Tenho guardado. No dia em que houve a despedida, ele pediu à Mónica [Arroyo] que me ligasse — estava no Rio de Janeiro, na Fiocruz — para me convidar para almoçar. Eu sabia que ele estava muito mal. Já tinha mais de dois meses que ele não vinha aqui [na FFLCH/USP]. Então fui direto para a casa dele com a Mónica. Almoçamos rápido e ele foi para o quarto, estava muito mal. Nos sentamos a falar, Marie Hélène [Tiercelin], Mónica e eu, na sala, conversando de qualquer coisa. Passou uma hora, uma hora e meia. E ele saiu com uma camisa de flores, com aqueles suspensórios. "Vamos pra USP". Aí a Marie Hélène agiu normalmente, como se fosse normal, a hora de ir. Eu olhei pra Mónica e ela também não fez nada, como se fosse normal, um dia de trabalho. Mas na verdade fazia tempo que não vinha. Era a última vez — ele sabia e eu também. E eu chorei tanto. A minha relação com Milton era uma relação muito pessoal… ele tinha muita confiança.

E ele "bateu" muito em cima de mim, por exemplo com a Natureza. Nós tivemos muito problema, ele sempre me falava "Luisa, a natureza acabou". E eu:

"Milton, não acabou. A natureza não acabou, eu estou no Amazonas, as subidas do rio comandam a vida das pessoas". "Quê que você está falando?! Que horror, a natureza comanda a vida…" (risos). Ficava bravo, brigava muito comigo por isso.

Bom, então, fui conhecendo geógrafos e geógrafos… e Christovam Barcellos, que é meu "irmão" brasileiro até hoje, é formado na UFF — se formou em engenharia civil, mas fez sua pós-graduação toda em Geografia. É um grande geógrafo e uma pessoa que conhece muito de geoprocessamento, de tecnologia, mas também de teoria. É muito estranho achar uma pessoa que conheça e que ande pelos dois mundos. Eu adoro ele, é uma pessoa muito reconhecida. Não tem um geógrafo brasileiro que seja reconhecido fora do Brasil como ele na área da geografia médica. Também é da Fiocruz, e vai em muitos congressos. Tem muitos alunos, muitas teses… Conheci Ariovaldo [Umbelino de Oliveira] também, Carlos Walter [Porto-Gonçalves], Ruy Moreira… E já dei aula na Unemat, na UFF, já dei aula em Rondônia, já dei aula em Manaus, já dei aula em Recife, já dei aula em Natal. Aula de geografia, sempre com essa questão da saúde.

Boletim Campineiro de Geografia: Professora, sobre a formação dos médicos, aqui no Brasil, por conta do "Mais Médicos", esse programa que foi muito criticado por alguns setores conservadores do Brasil, veio a discussão da diferença da formação do médico em Cuba e aqui. O que você diria disso? Em relação à medicina preventiva, à medicina da família...

Luisa Iñiguez Rojas: É o médico geral integral, que vai ser o primeiro médico da família. A gente se orgulha de muitas coisas, eu tenho muito orgulho de ser cubana, muito orgulho… (risos). Na área da formação, não só dos médicos, ainda tem aquela coisa da solidariedade — tomara que nunca morra — aquela coisa de compartilhar com as pessoas. Tanto é que a representação social que tem o médico em qualquer lugar do mundo, menos em Cuba, que eu saiba… Em Cuba um médico é um médico, igual um geógrafo, qualquer um. Em outro lugar, o médico é o médico, você está olhando ele, porque… tem outro…

eu tenho muito orgulho de ser cubana […]. Na área da formação, não só dos médicos, ainda tem aquela coisa da solidariedade — tomara que nunca morra — aquela coisa de compartilhar com as pessoas.

Boletim Campineiro de Geografia: Outro *status*?

Luisa Iñiguez Rojas: Sim, porque a representação social dessa profissão é mais alta, não é? Mas em Cuba não é assim… Então o médico em Cuba se forma e sabe que é para atender as pessoas, a qualquer pessoa, né? Não tem medicina privada…

A possível aspiração a ter um consultório, uma clínica privada, não existe, nós não temos clínica privada, ninguém pode ter consultório. Eu acho que a raiz do pensamento sanitarista — de saúde pública — é essa aí, mas também tem a ver com isso, não ter medicina privada. Tem muitas coisas, nada tem uma explicação só. [Para se formar médico] não se paga nada, não paga livro, é tudo gratuito, imagina? Virar médico e não pagar nada?

Então essa coisa de internacionalismo [vista no "Mais Médicos"] tem uma história. O internacionalismo começou na África, na "selva". Minha filha era pequena quando minha cunhada foi para a república árabe Saaraui na África. (Minha cunhada até já morreu, e minha filha já tem 46 anos!) Tem uma história de mais de 40 anos de internacionalismo, de apoio… No terremoto que aconteceu no Peru, também. Os médicos em Cuba tem uma tradição.

Agora tem outro caráter, porque isso tudo era de graça. Mas o país está numa situação bem difícil e vocês sabem que o componente principal do PIB hoje é a exportação de serviços e, nessa exportação de serviços, os primeiros são os médicos, os serviços médicos. É uma história de estratégia política, de política, de formação de profissionais. Mas não era para exportar, ou seja, eu tenho certeza que a revolução não se propôs a isso, era para ter uma cobertura, para especializá-los…

Boletim Campineiro de Geografia: Quando ocorreu a revolução quase não havia mais médicos em Cuba, não é? Quase todos saíram…

Luisa Iñiguez Rojas: Impressionante, Cuba ficou sem médicos. Bom, profissionais quase todos saíram, mas os médicos… Algumas profissões foram em massa porque sabiam que a proposta deles não batia com essa. Quem ficou foi, por exemplo, esse professor que adoro, Francisco Rojas Ochoa[7] — adoro ele. Ele já tem 80 e tantos anos. É meu "pai" profissional na área de geografia da saúde. Na verdade, foi quem me inclinou [para a área]… Não foi embora, mas se formou em 1959. Mas ele, e muitos assim como ele, que criaram a medicina rural, são médicos muito comprometidos, você fala com eles e fica assim [impressionado], porque eles contam cada coisa de alguns lugares que chegaram e que jamais tinham sonhado… lugares e cidades que não tinham médico nenhum, ou que o único médico tinha ido embora. Então é uma história muito bonita. Medicina em Cuba tem uma história… a saúde é pública, tem uma história muito bonita.

Boletim Campineiro de Geografia: E o Brasil até hoje sem médico em

7 Dr. Francisco Rojas Ochoa (1930-) tornou-se médico pela Universidade de Havana em 1959 e é mestre em saúde pública, doutor em ciências médicas e especialista em organização e administração da saúde. É professor da Universidade de Havana e exerceu diversos cargos de direção relacionados a saúde.

muitos lugares, precisou de um programa...

Luisa Iñiguez Rojas: Sim, mas olha, estive no final dos anos 1980 em um projeto em Yucatán, de geografia e saúde. Era com sistema em saúde, mas eu colocava a parte geográfica. Era na península de Yucatán, com maias, a grande maioria era maia. E o diretor do projeto, o doutor Balam[8], nunca consultava em espanhol, só em maia, porque tinha origem maia. E eu assistia, mas não entendia nada, porque maia não se entende nada... Ele ganhou até um prêmio mexicano, um prêmio indigenista nacional do México, uma pessoa espetacular. Isso era na faculdade de medicina da Universidad Autónoma de Yucatán, e eu, cansada de entrevistar alunos: "e você quer ser o que quando você [se formar]...?" Todos queriam ser ginecologista, pediatra, primeiro pediatra... "Pediatra por que, meu filho?" Olha a mentalidade: queriam ser pediatra ou gineco-obstetra, porque quando as pessoas têm dinheiro vão a qualquer especialista — se eles são bons, vão ter clientes — mas quando as pessoas não têm dinheiro, procuram dinheiro pra levar o bebê. Estava assim na mente deles. Agora, eles são culpados? São nada! É o que "respiram", é a formação, é o que estão reproduzindo da história.



Quando eu estava no Amazonas, não tinha médico cubano nenhum. Chegaram nove a Roraima, os primeiros nove lá com os Ianomâmi, e foi todo um sucesso na imprensa... Mas no estado do Amazonas não tinha nenhum. Mas tinha bolivianos e tinha colombianos, muitos — noventa e poucos. Agora devem ter cubanos, mas na época... Amazonino [Mendes], que era na época [o governador], contratava – ele, se era do estado, ou o prefeito, porque o prefeito [também] pode contratar médico e enfermeira. Enfermeira eu nunca vi estrangeira, mas médico colombiano, vi vários. Tinha colombianos e bolivianos contratados, isso também nunca saiu no jornal, mas eu vi, falei com eles, andei com eles... e isso foi em 1996.

Mas se você tem uma filha que se forma em medicina, gostaria que ela fosse para Tefé, no interior do Amazonas, ou Santa Izabel do Rio Negro...? É muito difícil... como mudar isso?

Tem uma fala que parece muito simples, mas não é: nenhum médico cubano

8 Dr. Gilberto Balam Pereira, médico yucateco, mestre em saúde pública e doutor em sociologia pela Universidade Autónoma do México, ganhou o Premio Nacional de Ciência e Indigenismo em 1991, a medalha "Yucatán 1992" e o prêmio internacional medalha "Martín de la Cruz" em 1993.

vem aqui obrigado, o médico vem voluntário, vem com muitos desejos de trabalhar, então eles sabem o que vão ganhar. Essa reclamação de algumas pessoas no Brasil de que se paga pouco, médio, muito, isso não é assunto do brasileiro, porque o médico cubano é assunto do governo, dos governos, e do médico, que vem com toda a felicidade pra cá, feliz da vida — ele não vem amarrado (risos). Então a gente tem que pensar e se colocar na hora de fazer a análise. Se você se coloca fora de contexto, não tem jeito, você tem que [pensar]: "como é que eles estão chegando aqui?"

Boletim Campineiro de Geografia: Professora, mudando um pouco de assunto: pensando depois do Período Especial, das mudanças econômicas, houve — pelo menos sempre se diz muito — um aparente aumento da desigualdade em Cuba, com a abertura do turismo, e a senhora diferenciou desigualdade e iniquidade. Se puder, esclareça isso, e também diga como a senhora vê essa questão do ponto de vista do espaço. Por exemplo, em uma comparação entre o oriente e o ocidente de Cuba, ou mesmo dentro de Havana... as diferenças, as desigualdades socioespaciais em Cuba, o que é herança de outro período e o que é desse atual momento?

Luisa Iñiguez Rojas: Na verdade [isso] absorve noventa por cento de meu trabalho. O tema desigualdade, quando nós começamos a trabalhar, não era "correto", politicamente, mas nos deixaram trabalhar. Ou seja, é importante porque nos deixaram pesquisar as desigualdades espaciais, muito importante que nos programas de pesquisa do governo, quando apresentamos um projeto de desigualdade, ele foi aceito. E isso é muito importante, muito importante… Esse projeto, quando fechou, foi apresentado para o prêmio nacional na Academia de Ciências, só que para apresentar você tem que ter aval, alguém tem que "falar bem", mas ninguém falou bem nem mal… ninguém deve ter lido! (risos) E o secretário da assembleia nacional do governo, do poder popular, fez um aval, e [o projeto] ganhou o prêmio… Me ligaram, por parte do Comandante em Chefe, me cumprimentando, parabenizando, e conferindo o endereço pra me mandar um presente. Primeiro eu achava que era uma brincadeira. Aí aquela pessoa, que não sei quem é, me falava: "você entendeu? você não tem nada pra falar?" (risos). Mas era verdade. Aí no outro dia cheguei, a vizinha tinha aberto a porta e tinha uma televisão no chão, que foi o presente que veio. Fiquei muito feliz, porque o que é feito assim com o coração, em um tempo horrível… Por exemplo, as instituições onde aonde a gente ia, tinha que levar comida… a comida era macarrão, uma panela de macarrão para dividir, com pouquinho de tomate — sem queijo, claro, porque queijo… (risos) Então, quando a gente trabalha assim, pesquisa assim, e os alunos pesquisam assim… ah, é muito bom pra formação das pessoas!

Então claro que tem desigualdade, e se você ler, tenho muitas publicações, muitas, muitas. A primeira foi num encontro de Bauru, há muitos anos, do qual saiu um livro[9]. Falo da preocupação da precedência — antes — e o efeito do período da queda do bloco socialista sobre o espaço. E todas as citações são de Milton Santos. Porque [a obra de] Milton Santos é como um retrato do que ia acontecer. Por exemplo, o que você não está querendo que aconteça no espaço, mas você tem as rugosidades… Ele dizia, em espanhol, que está agachado (*agazapado*)… procurando um momento para se levantar. Isso mesmo foi o que aconteceu em Cuba. Demoramos muito pra acabar com a prostituição, mas a prostituição voltou de um dia para o outro. Eu estava em Yucatán, passei três meses lá, e quando voltei à Havana, peguei meu carrinho, fui colocar gasolina, e um menino veio limpar o vidro do carro. Eu comecei a chorar, me joguei em cima do carro, "o que que é isso? o que aconteceu?" Meu Deus! Foi muito rápido… "Menino, você está pedindo dinheiro pra quê, pra quê você está limpando o vidro?" "Para comprar sabonete, minha mãe…". Era nove horas da noite… era um menino… Graças a Deus — ou a Lenin — acabou rapidinho, isso acabou. Mas apareceu como se estivesse… como Milton falava "aguardando a ocasião para levantar-se". É muito interessante como essa coisa que caracteriza o capitalismo — que é ruim — sempre tem um espaço para se infiltrar, é muito interessante.

Boletim Campineiro de Geografia: E como é o fato de existir mercado em CUP, em CUC[10], mercado misto, caderneta…?

Luisa Iñiguez Rojas: Eu publiquei muita coisa disso, muito, muito. Muitos artigos, não sei quantos. Mas agora estou… não arrependida, porque a gente evolui até que morre, mas eu acho que já fui superficial com a desigualdade. Não esclareci bem. O meu conceito de desigualdade, que eu trabalho, não passa por juízo de valor. Desigualdade é uma diferença, que está construída historicamente ou é subitamente criada por circunstâncias, contingências, mas não necessariamente passa por um juízo de valor. E isso tem uma conotação teórica impressionante, sabe por quê? Hoje se falou aí [em uma mesa do Congresso Ibero-americano de Estudos

Desigualdade é uma diferença, que está construída historicamente ou é subitamente criada por circunstâncias, contingências, mas não necessariamente passa por um juízo de valor.

9 Simpósio Multidisciplinar Internacional "*O pensamento de Milton Santos e a Construção da Cidadania em Tempos de Globalização"*, organizado pela AGB-Bauru, em 1997.

10 O Peso Cubano Convertível (CUC) é uma das moedas utilizadas oficialmente em Cuba, junto do Peso Cubano (CUP), utilizado no setor de turismo e comércio de luxo no país.

Territoriais]: teve um vazamento de uma tubulação e tinha dois prefeitos antes que foram os que fizeram os programas. Os prefeitos talvez estejam na chácara deles, ou no Uruguai… Eles não vão ser culpados, porque aquilo não foi… Isso pode ser usado como metáfora. Porque tem uma história, e a história não se apaga.

Como tem a cor da pele, não? Então a parte oriental de Cuba é predominantemente negra, e é onde tem mais montanha. A província onde terminei de trabalhar agora tem 95% de montanhas. Só tem 5% de uma planície litorânea, bonita, uma bacia. Tem população esparsa, muita população rural. Agora está se concentrando, nos últimos censos dá pra ver que há uma concentração lá nas montanhas. Mas você acredita que eles algum dia terão acessibilidade ao serviço de saúde igual às pessoas que estão morando na cidade de Santiago de Cuba?

Eu acho que eu fui muito inocente de pensar — eu, não; o país também — desigualdade de oportunidade, de Weber… Isso está muito bem quando o teórico escreve. Os grandes teóricos estão falando do mundo, estão falando das regiões, mas quando você vai pro lugar é que você se dá conta de que não é assim, porque até um rio pode fazer a diferença, pode marcar a diferença. Um rio que está maior, na cheia, você não passa… você passava antes com uma tábua, mas agora não passa. E morre, morre de infarto, por exemplo, não consegue chegar para comprar o remédio, não consegue chegar ao concurso pra uma vaga da universidade, não consegue chegar ao exame da universidade… É muito bom que existam pessoas como Milton [Santos], [Edward] Soja ou [David] Harvey, são pessoas que dão luz, que iluminam a cabeça da gente, mas a realidade geográfica é muito mais complexa, e os conceitos ficam se movimentando.

Agora estou com a grande preocupação de arbitrar. Quem arbitra a injustiça? Quem é capaz de falar que essa desigualdade é evitável? É necessária? Necessária acho que são quase todas as desigualdades. Mas nem tanto, porque a mulher, se falamos de gênero, por exemplo, nunca vai haver igualdade total. E não devemos nem apostar pela igualdade total, porque tem profissões que fazem muito mal para a mulher, se estão um homem e uma mulher optando por uma profissão que é perigosa para a mulher com determinada idade, é melhor que a mulher saia.

Quando estamos tocando o território, andando pelos territórios, nos damos conta de que é muito mais complexo. Já faz pelo menos um mês e meio que estou fechando um artigo sobre equidade territorial, porque o conceito de equidade territorial vem da CEPAL, da CELADE, é muito fácil, mas vá “entrar dentro dele”, com um olhar mais aprofundado, e se arruma uma confusão na cabeça que você não sabe (risos).

Então é muito interessante, tem o negócio da história que fica gravada, tem o negócio do governo, do Estado, as políticas hoje — públicas, sociais — que têm que mudar… Mas também tem a caixa-preta da subjetividade. Tem pessoas que não estão querendo mudar a vida delas, que não se importam de ter terra no chão de casa. E não é porque não têm ensino, você pergunta e têm. Eu sempre falo que as condições de vida em Cuba, em Havana mesmo… Você está em um lugar onde há uma grande maioria com ensino secundário, 16%, 18% universitários, e o Estado dá moradia, com banheiro comum… Uma coisa que não bate. Quando você arruma e descreve, tem uma coisa que não bate, alguma coisa que não faz [sentido].

Os cientistas não servem só para denunciar e escrever paper. *Escreveu o* paper *e o quê? E aí? Eu escrevo outro* paper *e outro* paper… *e com isso não resolve nada, não? […] Acho que a geografia tem que ser mais propositiva, muito mais propositiva*

Também acho que arbitrar a desigualdade como injusta, ou seja, passar por juízo de valor e falar "essa desigualdade é injusta, evitável"… Se fosse assim, você teria que arrumar um jeito de reivindicação. Os cientistas não servem só para denunciar e escrever *paper*. Escreveu o *paper* e o quê? E aí? Eu escrevo outro *paper* e outro *paper*… e com isso não resolve nada, não? Sempre critico os atlas de saúde dos Estados Unidos, que são maravilhosos, com um detalhamento impressionante, com uma cartografia de luxo, eles conseguem colocar a prevalência ou a incidência dos problemas de saúde para afrodescendentes, para latinos, para asiáticos… Só que continua a mesma coisa, não? Ou seja, um dia tem que ter um mapa que fale que tem alguma coisa que melhorou. "Ah, já estão quase iguais os latinos com os afrodescendentes", mas se você for mostrando sempre a mesma coisa, quando vai ser resolvido o problema? E a gente sabe que tem desigualdade, então…

Acho que a geografia tem que ser mais propositiva, muito mais propositiva, ou seja: chega de diagnósticos. Tem lugares que precisam de diagnósticos, de avaliação, mas a gente tem que ir mais pra frente. Não sei como, mas tem que ir mais pra frente… Talvez procurando confiança nos governos, procurando, eu falo assim, "botar a bala na boca dele", "namorar" entre aspas (risos)… Alguma coisa tem que ser feita, porque… eu nunca estive calma, mas agora estou pior.

Eu nunca fui acadêmica, não gosto da academia, da academia nesse sentido… Respeito quem gosta da academia, dos *papers* não sei de onde, das *international*, *sciences*, acho que tem que ter de tudo no mundo. Mas também [há] um desespero,

sabemos sabe que está acabando nossa vida profissional — é verdade, eu estou com 66, vou fazer 67 — um desespero, a vida passou nessa luta, e eu não quero ir pra baixo da cama, não? Eu quero ficar até o final. Eu trabalho por vocês, não trabalho por mil pesos, mil pesos são cinquenta dólares, e com cinquenta dólares hoje, com o mercado de recreação, por exemplo do hotel ou de restaurante — tem restaurantes de nível bem alto em Cuba — eu vou só com esses cinquenta pesos, convido vocês e acabou o salário, o resto do mês vou olhar pra cima (risos).

Sempre falamos muito rápido de estratificação social, ou seja, está se estratificando o país, as desigualdades. O programa de Moncada[11], da revolução, que foi feito no quartel Moncada — um programa de mudanças — falava muito claramente na redução das desigualdades oriente-ocidente, na redução das desigualdades rural-urbano e na redução das desigualdades urbanas, aqueles bairros insalubres, irregulares, enormes, que tinham uma pobreza extrema… Acabar com eles, eliminar mesmo. Então sinto muita pena que ainda hoje você veja desigualdades importantes entre oriente e… não ocidente, porque a forma em que os territórios, os espaços têm tentado sair da crise, é pulverizada.

Eu falei e até hoje eu falo de dois padrões de espaços, luminosos e opacos. Ou seja, um padrão — claro, luminoso e opaco é uma reconceitualização de Milton Santos[12] — [que] não é só modernização; em geral, espaços atrativos pras pessoas. Atrativos porque você vai melhorar as condições de vida, atrativos porque também estão mais modernos, têm investimentos, são espaços luminosos. Nos opacos não acontece nada, são espaços do silêncio, que falo, são espaços silenciosos, ou que falam muito baixo e você nem entende o que estão falando. Que são os espaços da prioridade, são os espaços críticos que eu falo. Ou procurar um tradutor — que talvez não seja um geógrafo, claro: o tradutor é um grupo de tradutores, porque o geógrafo sozinho não vai entender, tem muito de psicologia social. Então tem aqueles [espaços] luminosos para onde foi o investimento, investimento fundamentalmente no turismo. Mas esses são lugares que não conseguiram irradiar, porque o dinheiro que eles conseguíam… Isso é uma coisa em Cuba que tem que se entender: se você só irradia pra esse lugar, no caso as Cayos — as ilhas do turismo —, as ilhas do turismo têm o mar pelo meio, e a cidade que está mais perto dela. Ela melhora, porque as pessoas trabalham no turismo, têm um salário, têm a gorjeta, e o turismo tem uma característica de extravasamento. Ou seja, se você

11 Programa político revolucionário elaborado em 1953 por Fidel Castro, como defesa aos assaltos realizados por ele aos quartéis de Moncada e Carlos Manuel de Céspedes, em Santiago de Cuba e Bayamo. No programa, aponta os principais problemas existentes em Cuba na época, que embasariam a revolução.

12 Milton Santos trata de "espaços luminosos" e "espaços opacos" em SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil*: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Record, 2001.

trabalha no turismo, sua filha é cuidada por uma pessoa que você paga, e se você aluga sua casa para turistas, a pessoa que ajuda na comida, ou a lavar a roupa, arrumar a cama, se tem jardim, então você paga o jardineiro… o turismo tem um extravasamento. Como se houvesse uma redistribuição. Que não é só no turismo, mas no turismo é mais visível. A pessoa que tem um restaurante privado, particular, também, porque tem pessoas trabalhando; hoje é possível ter nove, doze mesas — agora foi ampliado —, um restaurante grande tem uma pessoa de cozinha, uma pessoa que limpa, uma pessoa que compra a comida, que faça a gestão…



Então eu sinto que as desigualdades não são tão grandes porque está acontecendo uma redistribuição também entre esses 400 mil trabalhadores por conta própria. Não os 400 mil, mas uma parte deles está redistribuindo o que eles ganham para outras pessoas. Mas por enquanto o país continua com aqueles focos luminosos a nível do país, aqueles espaços luminosos. Dentro da cidade você vê pontos luminosos em espaços opacos e pontos opacos em espaços luminosos. Mais ou menos como na favela do Rio: você vai numa favela e vê uma casa melhor, que é do chefão da droga que não saiu dali — ele poderia ter ido para Ipanema, para Leme, mas ele fica ali, com seu povo que gosta dele, e ele tem uma coesão, uma relação… Isso é muito interessante, não sai dali.

Então essas pessoas que se deram bem, que conseguiram melhorar a casa, ampliá-la, que têm um restaurante também, isso é lindo. Mas quando você olha pro outro lado, tem [por exemplo] uma coleção de fotos que você sabe que aqui entra CUC e ali não entra[13]. Ou aqui tem remessa do filho, do pai e ali não tem ninguém do outro lado. É uma coisa muito nova em Cuba, é uma coisa que antes não acontecia, porque antes a diferença de salário em Cuba era 150 pesos. O salário era muito próximo. Hoje não. Quando entro em um desses carros americanos, vejo um bolo de dinheiro, fico assustada… É um bolo de dinheiro, e isso todo dia. Eles podem estar ganhando 500, 600 CUCs por mês, ou mais… Não sei quais são os salários.

Eu fiz um trabalho que foi um dos pioneiros, não por amostragem oficial, mas por "bola de neve". É uma técnica americana que eu adoro, que é uma técnica de sociólogos [na qual] a gente consegue a confiança, *trust*, tudo através de *trust*.

13 Referência ao fato de que o CUC penetra nos lugares em que há maior atividade turística.

Fazemos um questionário e começamos a perguntar a dimensão econômica: "seu salário é de quanto? Sim, mas você também vende galinha, sua mãe tem galinha e você vende. Ah, então se uma galinha e o salário, sei lá... E você, com cinco pessoas da sua confiança, cinco ou quatro, faz a mesma coisa, mas tem que ser pessoas da sua confiança...". E a bola começa a rolar, e para quando satura-se. A técnica não é difícil, mas tem que ir entrando dados o tempo inteiro pra haver a saturação da bola. Quando eu fiz isso, que quero repetir agora, — foi no ano 2000, e foi um sucesso, também dentro de um programa de pesquisa — eu achei uma [renda] *per capita* de 25 pesos. E [renda] *per capita* de 987 pesos. E eu sempre falava: "e aí não está Silvio Rodríguez, nem Pablo Milanés..." (risos) É só uma brincadeira, porque não importa se essas pessoas ou outras, artistas ou pintores, têm um salário mais alto, porque o assunto não é aplanar, o assunto é subir. O assunto não é tirar dos que conseguiram... Esse não é o problema, o que é outro assunto que tem que se entender, se desenvolver.

O Brasil e qualquer país da América Latina deveria ficar mais perto de Cuba. Sobretudo geógrafos, para entender como são os processos de transformação, por exemplo com a terra.

Desigualdades espaciais têm essa característica, você tem esses pontos luminosos em um espaço que está horrível, e também o contrário, tem espaços luminosos onde de repente você vê uma casa muito feia, vai lá e é uma velhinha sozinha, os filhos foram embora... E essa é a realidade que, com certeza, se dá aqui também, se dá em qualquer lugar, esse padrão...

Nós levamos 55 anos construindo o socialismo... O Brasil e qualquer país da América Latina deveria ficar mais perto de Cuba. Sobretudo geógrafos, para entender como são os processos de transformação, por exemplo com a terra. A terra, nesse momento, em Cuba, está sob a gestão é privada, grande maioria da terra. O Estado é proprietário, mas você tem a terra em usufruto — ou é privada (20%), ou uma parte desse 80% que está em usufruto mas você está cultivando... E isso era impensável anos atrás. Estão acontecendo muitas, muitas, muitas coisas.

Boletim Campineiro de Geografia: Professora, na linha dessa sua última colocação, e para finalizar: lembrando que o Encontro de Geógrafos da América Latina de 2015 será em Cuba, o que a senhora acha que a geografia latino-americana e a geografia brasileira têm a aprender com a experiência da geografia cubana e como esse diálogo com a geografia latino-americana pode enriquecer também a geografia cubana?

Luisa Iñiguez Rojas: Acho que o principal é procurar os pontos comuns. Em quê nos parecemos, acho que esse é o principal, o diagnóstico de o que nos une e o que nos distancia da Geografia — nós, que não somos capitalistas. É muito importante, porque eu estou agora entendendo muitas coisas que nos unem. E também há tantos professores tão importantes… dificilmente irão a Cuba, mas seria interessantíssimo contrastar o que é toda essa teoria do capitalismo de mercado. Cuba agora tem oferta e demanda em todos os produtos agrícolas. E todas as pessoas que têm restaurantes põem os preços que querem na comida, não o preço que o Estado diz, o Estado não se mete. Bom, se oferta e demanda é consubstancial ao capitalismo, nós somos capitalistas (risos).

Há tantas coisas a pensar no espaço também, sobretudo na reconfiguração do território. Os territórios se reconfiguram, como que se readaptam. E nós temos que abrir os olhos porque — era o final da minha palestra — nós não podemos fazer o jogo… o problema é teórico e é prático. Como fazer com que essa configuração não amplie as desigualdades, não amplie as iniquidades? Se esse compromisso entrar… Porque primeiro têm que interiorizá-lo, primeiro têm que se sentir como geógrafo latino-americano de seus países latino-americanos; não somente *papers*, não somente congressos. Os encontros são muito bons, mas os encontros passam, por exemplo esse acabou. Na mesa eu disse à Mónica que é preciso fazer outro evento para nada mais que discutir isso que se está discutindo aqui (risos).

A dengue por exemplo, riam muito comigo, porque eu digo que tirando, digamos, as coisas mais teóricas, politizando o problema, para as pessoas marxistas é anti-engeliano falar que o mosquito é culpado… O mosquito quer sobreviver e reproduzir, o mosquito não quer deixar ninguém doente… O mosquito estava aqui muito antes que nós. O mosquito é um artrópode que é do cambriano, nem sonhava em aparecer um homem na terra, então você quer acabar com algo… E o que fizeram foi convidá-lo para viver na cidade, convidaram, com o oco dos pneus. Veja, o oco da árvore é igual ao pneu do carro. Por quê? Porque o mosquito não tem nenhuma relação de dimensão, portanto é escuro, preto, com esse calorzinho, ele encontra um pneu… E um vasinho com água é igual a um córrego, você acha que ele sabe que não é um córrego, que é um vaso…? O mosquito não sabe isso, então se você o convida…

É um assunto filosófico, porque a natureza é o primário, e a vontade e a consciência do homem é o secundário. Como dizia Engels na "Dialética da Natureza"[14], ela se vinga, se não é na primeira vez, é na segunda, mas se vinga. Essa conversa de hoje dos desastres, sabe o que é isso, resumidamente? Um

14 "Dialética da Natureza" é uma obra inacabada escrita por Friedrich Engels em 1883.

desastre é a expressão mais concreta da forma em que o homem e a natureza não se entendem; a harmonia, é preciso buscar para entender. Se houvesse harmonia na relação do homem com a natureza, não aconteceria isso, mas não há harmonia. Então, se a relação é conflituosa, é claro que tem que haver problemas.

O desastre não pode ser natural, porque a natureza existe pelo intercambio de substância e energia, a natureza é uma coisa fabulosa de intercâmbio. Se as correntes marítimas não existissem, se as massas de ar não existissem, se no inverno não viesse o frio para cá, para o trópico, e se essas massas de ar não fossem para lá, e se as correntes não trouxessem o frio, e se depois o Golfo não levasse… Se isso não funcionasse, não haveria vida, porque nós teríamos fritado, estaríamos todos fritos. E no polo tampouco, porque as calotas… Então ela funciona assim, buscando equilíbrio. Há um furacão porque há uma liberação energética, há um ciclone porque se está liberando energia, há um incêndio natural porque se está liberando energia. É a vida dela! Assim vive a natureza. Então chega o homem, coloca-se em uma encosta que desaba, e se morrem pessoas, dizem que é um desastre natural.

Hoje eu disse: "a inundação é natural, mas não é tão natural… Porque a inundação a natureza criou — ela teve que fazer um plano de inundação. Por quê? Porque a [quantidade de] chuva muda, então quando chove muito, a água tem que ir para algum lugar. Mas se formos ver, o plano de inundação das planícies aluviais foi onde o homem se concentrou, ou seja, as grandes civilizações do mundo começaram pela inundação" (risos). Pelo plano de inundação nas planícies aluviais. Vamos entender isso assim, e sobretudo repassar isso aos estudantes, aos que estão aprendendo. Porque é uma forma de eles irem refletindo. Nós fomos os últimos que apareceram neste planeta. Chegamos outro dia. Cremos que podemos fazer de tudo, mudar tudo…

Até agora por sorte, não se tratou [disso, mas] houve um projeto, um professor meu me disse, no final de uma aula, que nos anos 1950 houve um projeto de entrar no olho do furacão para destruí-lo. Graças a Deus não aconteceu isso, porque vai destruir algo que… e por onde vai a outra liberação? Digo a meus alunos que quando há um terremoto, é quando a natureza se equilibra. Começam a colocar coisas aqui, e coisas aqui, então chega um momento que há algo assim (risos). E é assim mesmo. Quando você vê de cima, do céu, você vê que ela está buscando equilíbrio. Se nós não encontramos equilíbrios entre nós, e esse é nosso problema, pior [desequilíbrio] não é entre a natureza e o homem, é entre os próprios homens. O desequilíbrio pior que nós temos nessa geografia desse planeta são o problema entre nós, é o desequilíbrio das relações entre nós — e entre nós e a

natureza.

E quando você vai ver, todas as mesas [do Congresso] se juntaram e estão todos falando sobre a mesma coisa. Estão todos dizendo o mesmo: temos que buscar os pontos de articulação. Parece que todos estão separados, que cada um vai por seu caminho, isso não é certo. Talvez — isso é atrevido — se necessariamente há que se aceitar que há uma geografia humana — política, econômica e cultural — e uma geografia física — eu não aceito, mas se tivesse que aceitar — então para ser geógrafo humano primeiro há que ser geógrafo físico, obrigatoriamente. E depois geógrafo humano. Porque um geógrafo humano que não entende a natureza não vai entender os desastres. Primeiro tem que entender de onde você saiu.

A *pachamama*[15] — essa que disse Evo Morales — é a mãe-terra, na língua aimara. É preciso entender a mãe-terra, mas não para ficar com a mãe-terra, e olhando a mãe-terra, mas para saber que ela está aí, e que é um fundamento. Não é determinista – existem todas as possibilidades de mudar, você pode irrigar, mas com cuidado, porque quantos desastres faz o homem irrigando, desviando rios…

Uma coisa que me confundiu, que depois estávamos conversando: a geomorfóloga [Irasema Alcántara-Ayala] — que me encanta, essa professora que parece uma socióloga, psicóloga — dizia: "bom, quando há inundação é porque o cano aqui se quebrou". Bom, mas o cano se quebrou porque está fazendo o papel de um rio. Na cidade, os rios são meus, eu faço os rios. Porque as conduções da água faço eu. Da que chove e da que entra, toda, faço eu. Faço a rede fluvial. E faço a rede também de eliminação dos dejetos, o metabolismo crio eu, os dejetos vão por onde eu… Eu, o homem, os arquitetos com os outros… Bem feito ou mal feito, sou eu, que estou desviando todos [os rios]… "Se nós nos entendemos, se tratamos de nos entender não vai haver desastres". É claro que vai haver desastres. Sofre-se muito quando se vê o que acontece quando se desabam as favelas. Eu sofro como se fosse eu que estivesse lá… porque vemos aqueles que perdem tudo, você sabe o que é de repente não ter nada, nada? Perdeu tudo. A pessoa fica como se tivesse acabado de chegar no mundo. "Ah, e por que estão nas encostas e por que não vão para outro tipo de casas?" e por que, e por que, e por que, e quem é o culpado…?

Se me perguntassem agora como é esse negócio de arbitragem eu não sei. Mas se não colocar na cabeça ter que arbitrar as desigualdades… Se você sabe que é evitável, e que é injusta moralmente, não se pode ficar tranquilo porque denunciou e publicou em *paper*. Então também vai por aí a provocação que me estou fazendo. Até onde estou sendo superficial tratando todas as desigualdades

15 A *pachamama* é a deidade máxima dos povos andinos e relaciona-se com a terra, a fertilidade e o feminino. O presidente boliviano Evo Morales faz referência a essa divindade como forma de levantar preocupações ecológicas e ambientais relacionadas ao planeta.

espaciais como ruins, ao que sempre declaro que meu conceito não é implicitamente injusto. Ou seja, estou mais confusa agora do que quando comecei a estudar Geografia (risos). Porque ao defender o doutorado em 1984 eu me confundi muito, eu fiquei vazia, e agora que já passaram os anos é bom, não é? Ter essas inquietudes… Eu creio que estou mais indecisa agora. Tenho menos segurança até de conceito do que eu tinha antes. Conceitos que eu acreditava que eu [sabia] agora digo "não, mas não é assim, devo pensar de novo". Então é bom encontrar-se.

Agora, isso de Cuba ou de qualquer lugar, o encontro é muito bom se há possibilidades. Os encontros são tão rápidos, as horas passam… E o importante é o que acontece depois. O importante é tentar encontrar esses laços de trabalho. De sentar-se em uma mesa em um lugar tal e com isso todo mundo vai pensar, porque no encontro se dá um passo, mas nos deixa um vazio tremendo.

Creio que felizmente é em Cuba agora, porque Cuba está com toda essa transformação, vocês a verão, se não muito nos trabalhos, verão nas cidades, no concreto... Mas creio que eu aprendi mais da geografia latino-americana, sobretudo brasileira, aprendi mais dos brasileiros geógrafos, dos que eu pude aprender na minha carreira, nos meus estudos. O referencial é a geografia brasileira, foi muito importante para mim, e para vários de nós, que temos muito contato com o Brasil. Essas dimensões do Brasil fazem pensar em tantas coisas, a fama de falar, a fama da natureza… Todo o Brasil é um arquipélago, como se fossem ilhas, ilhas e ilhas, com o milagre do português, de um idioma só. Mas estou felicíssima de ter tido essa possibilidade, ter contato com o Brasil, é um país que eu gosto muito, e além disso tenho duas netas brasileiras, e minha filha é quase brasileira (risos) então já há muitas razões.

É muito bom que questionem os professores. Sempre com respeito, mas questionem tudo. [...] Não importa o que eu disse, se eu estava vendo com meus olhos, em um contexto, que não é o contexto em que estão… Se ponham a pensar, não importa quem disse.

Creio que o mais rico dos encontros são essas coisas, poder falar… Gosto muito da palavra "incerteza". Creio que esse é o momento de ter incertezas, é o momento de não fechar nenhuma janela, de ter essas dúvidas, isso não é ruim, ter essas inquietudes, creio que o momento é esse. Ouvir os que mais sabem, mas também ouvir os que têm outra visão de mundo, e nós que estamos mais abaixo — se é um problema de altura — e ter muitas inquietudes, muitas incertezas. Não importa quem disse ou o

que disse, vamos repensar, vamos juntos ainda que cheguemos depois à mesma conclusão, mas vamos questionar.

E tenho muito medo do que vem, dos conceitos que chegam, tenho horror. Hoje perguntava à mexicana [Irasema Alcántara-Ayala]: se o desastre não é natural — ao fim decidiram que não é natural — então como você disse que há ameaças naturais? Porque ameaça natural é o mesmo que desastre natural. O risco sempre foi para nós perigo com vulnerabilidade. Agora não, agora se fala de ameaça. Se eu pergunto o que é ameaça, dizem "creio que ameaça é o mesmo que perigo". Mas ameaça não é o mesmo que perigo, porque se não há um desastre natural, não há uma ameaça natural. Isso tem que ter outra linguagem. Eticamente mais correta, na filosofia (risos). A natureza não pode ameaçar a nos. Nós é que estamos ameaçando-a (risos) faz muito tempo.

Quando Milton Santos cumpriu dez anos de morte, fizeram um livro[16] e pediram a uma lista de pessoas que ele sempre convidava para escrever um depoimento. Eu escrevi muito rápido, me sentei e o título saiu em seguida. E pus: "Milton Santos, missão de provocar". Porque Milton sempre dizia "minha missão é provocar". E é importante que te provoquem, porque se não te provocam… temos que mover os neurônios! É muito bom que questionem os professores. Sempre com respeito, mas questionem tudo. Às vezes os estudantes pensam que o que eu disse, porque eu disse… Não importa o que eu disse, se eu estava vendo com meus olhos, em um contexto, que não é o contexto em que estão… Se ponham a pensar, não importa quem disse.

Por exemplo isso de meio ambiente. Eu sei que é a moda, mudanças climáticas, onde está o grande volume de dinheiro… Eu pago o preço de não fazer esse jogo, e é um preço que se paga, não importa, mas feliz — vou para a cama e deito a cabeça no travesseiro, tranquila. Mas há que entender, ser tolerante: sua irmã pode ser médica e ser contratada em uma clínica privada para ser cirurgiã plástica — é a última moda, no México agora todos querem ser cirurgiões plásticos, porque cirurgia plástica custa [caro] (risos) — é sua irmã, escolheu esse caminho… essa tolerância há que se criar também. Porque senão os grupos não avançam. O geógrafo é muito pouco tolerante, isso é muito ruim.

16 SILVA, Maria Auxiliadora (Org.). *10 anos sem Milton Santos*. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia e Universidade Federal da Bahia, 2011.

Sobre a entrevistada

Luisa Iñiguez Rojas: geógrafa, doutora em Ciências Geográficas, professora do Centro de Estudios de Salud y Bienestar Humanos, Universidad de la Habana. Tem diversos trabalhos publicados na área de geografia da saúde e também sobre temas como a desigualdade, tendo atuado junto a instituições como a Fundação Oswaldo Cruz, no Rio de Janeiro, desenvolvendo diversas pesquisas no Brasil.

* * *

BCG: http://agbcampinas.com.br/bcg

Entrevista realizada em setembro de 2014.